

Pai

Há alguns meses, o pai de um grande amigo faleceu. Estava com cerca de noventa anos. E a relação dos dois foi atribulada. Esse meu amigo não é nenhuma criança. Também é pai de três filhas. Mantém um casamento feliz. Encaminha-se para uma aposentadoria produtiva. Mas a relação com o pai era um espinho encravado embaixo de uma das unhas da sua alma. De acordo como ele me-xia, doía. Às vezes, inflamava.

A vida gosta de colocar esquinas pela nossa frente. Em regra, nem reparamos nelas. Cami-nhamos apressados, de cabeça baixa. Concentrados em alguma das centenas de pequenas coisas que achamos importante no nosso dia a dia. Algumas vezes, contudo, vindo da outra rua, dobra na esquina o passado. E você se vê frente a frente com ele, quando menos espera.

Com o meu amigo, ocorreu algo semelhante. Visitou o pai no final de semana anterior. E con-versaram. E se arrependeram. E sentiram muito. E choraram. E menos de uma semana depois, o pai havia partido.

Temos uma lista dos amigos mais próximos, com os quais mantemos contato através de um desses aplicativos de conversa online. A notícia, obviamente, consternou a todos. E começaram as mensagens protocolares (embora sinceras) de sentimentos e pêsames, pois acreditamos que muito não há a falar nesses momentos.

Mas havia muito a falar.

Começou com uma mensagem simples e direta, como convém aos melhores pensamentos. E ela dizia que as boas lembranças eram a forma de superar a tristeza pela ausência do convívio físico. E dizia mais. Que pais nunca se perdem, se ganham. E passar para nossos filhos aquilo de bom que os pais nos deram seria a forma de eternização da vida.

Foi lento, mas as mensagens começaram a chegar. Cada um lia a anterior, encontrava-se com o significado do seu próprio pai e compartilhava um relato confessional. Como se fosse uma terapia em grupo virtual.

Sobre o meu, escrevi o seguinte.

“Perdi meu pai cedo. Nossa relação era ótima. Ainda baratinado pela perda, no dia seguinte ao enterro fui ao escritório, para tomar pé das contas a pagar etc. No escaninho, tinha um papel com algo que eu havia feito (uma conta paga ou uma petição que protocolei - algo simples, não lembro o que era). Junto com ela, preso com um clipe, estava um bilhete. Dizia só: ‘Obrigado, filho. Pai’. Não lembro quanto tempo chorei ao pegar aquilo. Tenho o bilhete ainda. E ainda choro quando leio ele.”

Em tempos de irracionalidade e polarização, as mensagens que trocamos naquela noite são exemplos vivos das coisas que verdadeiramente nos unem e daquilo que aparentemente nos se-para. Infelizmente, não posso as transcrever aqui. Mas uma delas, a do meu amigo, eu compartilho, como um presente.

“Amigos. Na eleição de Olívio, sopraram ao velho que um filho iria votar no PT. Uma noite, liguei pra casa, ele atendeu e eu disse: ‘Oi, pai’. Ele respondeu, com sua voz de tribuno (e dos bons, que era): ‘Quem vota no PT é meu inimigo’. ‘Na verdade, liguei pra falar com a mãe. Ela está aí?’. Dias depois, num jantar no Copacabana, encontrei Olívio e contei a história pra ele que me respondeu, pondo as duas mãos nos ombros e, solenemente, olhando-me nos olhos: ‘Mas, companheiro, com o pai a gente não briga’. Levei vinte anos para contar a história para o velho, que ouviu, riu e disse: ‘Olívio é um grande homem!’. Encerramos a conversa, sem retratações e sem acusações. Suguei o seu amor até o final. Nunca briguei com ele. Mesmo com motivos. Mas tenho a alma leve por saber que consegui tudo o que podia dar e precisava dele ter: amor, carinho e amparo. Nos quatro últimos dias pude chorar, rir, beber (cachaça) e ainda ouvir uma de suas últimas frases sobre política, enquanto assistia a tv: ‘Pelo amor de deus, cala essa boca pra parar de dizer besteira.’

Agora vão lá e abracem seu pai.
Mesmo que seja na memória.